

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2019-04-30

Deposited version:

Publisher Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

André, P. & Molarinho, T. (2017). Plano Nobre de um edifício que "desemboca na rua do carvalho": D. 148 A. In Territórios Metropolitanos Contemporâneos. (pp. 59-69). Lisboa: DINÂMIA'CET-IUL.

Further information on publisher's website:

<https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/12476>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: André, P. & Molarinho, T. (2017). Plano Nobre de um edifício que "desemboca na rua do carvalho": D. 148 A. In Territórios Metropolitanos Contemporâneos. (pp. 59-69). Lisboa: DINÂMIA'CET-IUL.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

PLANO NOBRE DE UM EDIFÍCIO QUE “DESEMBOCA NA RUA DO CARVALHO”: D. 148 A.

Tiago Molarinho

Paula André

RESUMO

Analisar a representatividade da imagem de um documento da Coleção de Iconografia da Biblioteca Nacional de Portugal, é a proposta deste ensaio. É uma planta de arquitetura de um plano nobre de um palácio situado no Bairro Alto entre o final do século XVII e o século XVIII. A nomenclatura da legenda contém, informações vitais sobre a distribuição interior, a sua localização na morfologia do edifício e indicações sobre a inserção desta construção de grandes proporções, na malha urbana da cidade de Lisboa. É um testemunho de uma prática projetual, no diálogo que uma planta de arquitetura representa entre os seus interlocutores: encomendador, autor e mestres construtores. O documento insere-se na investigação em curso, sobre os princípios geométricos essenciais de regularidade, ordem e proporção, na Tradição Construtiva Portuguesa, em edifícios nobres.

O presente ensaio, opta por se apoiar em dois autores, pela diferente abordagem e conteúdos que apresentam desta planta, e procura na génese e evolução do modelo de edifícios com a morfologia em U, uma forma de encontrar as possíveis influencias dos interlocutores deste projeto. Na análise do desenho, salientamos as informações resultantes entre o desenho e o “texto” em legenda, como uma forma de esclarecer os dados inerentes à prática projetual e conseqüente prática construtiva, a que juntamos um modelo digital - exercício fundamental na compreensão dos conhecimentos empíricos que o documento transporta. Avançamos com a verificação das localizações atribuídas a este palácio e sugerimos uma nova hipótese, segundo a interpretação que fazemos às indicações expressas na legenda. O documento revela-se na atual investigação, um ponto de partida a que retornaremos, com a certeza de que, a representação das práticas construtivas, corresponde à tradição de comunicação entre o projetista e o seu executor, bem como, entre o encomendador e a obra construída.

“O desenho começa por ser um instrumento para pensar a forma e assume depois a função de informar a execução, de comunicar intenções, plasmar e confrontar alternativas no complexo sistema das relações entre pessoas, no trabalho e na decisão” (Tavares, 2002, p. 89)

1. INTRODUÇÃO

O discurso narrativo do desenho subjacente à teoria e à obra arquitectónica, o exercício analógico entre a obra e o desenho, a análise da informação expressa e imanente na fonte primária que é o desenho e da fonte primária que é a arquitetura construída, essa dimensão comparatista e esse confronto permitem pesquisar e revelar os saberes que compõem a cultura arquitectónica. A atração pela representação gráfica da arquitetura, pela *poiesis* e pelo método racional do desenho, sublinha e confirma tal como referiu Martin Heidegger em *Construir, Habitar, Pensar*, que a essência de

construir encontra-se no habitar, e que a essência do habitar consiste em «personificar» (Morales, 1999, p.2000).

A narrativa do desenho contém um jogo e um artifício que instiga à decifração da ideia que configurou um/o palácio, e tal como refere Fil Hearn a “forma que toma um edifício pressupõe uma teoria do desenho” e isto é assim tanto para as construções mais simples como uma cabana construída com troncos como para outras construções mais elaboradas como os palácios (Hearn, 2006, p.9).

Para Rudolf Arnheim um edifício materializa em todos os seus aspectos o espírito humano (Arnheim, 2001, p. 9) e o desenho é a “criação das formas tangíveis e visíveis de um edifício” (Arnheim, 2001, p. 8), definições operativas para ler o que possa estar expresso e implícito no desenho da planta de um palácio. Cotejar a imagem e o discurso da planta de arquitetura com a cidade e com a própria arquitetura, permite caracterizar de modo mais dinâmico as convenções normativas inerentes à teoria seiscentista e setecentista da arquitetura

em Lisboa. A afirmação da expressão estética por meio da proporção materializada na ferramenta operativa do desenho, construirá a possibilidade de um conhecimento que informará um procedimento interventivo prospectivo, pela revelação do saber e do sentido da arquitetura.

O presente artigo propõe-se analisar a representatividade da imagem de um documento da Coleção de Iconografia da Biblioteca Nacional de Portugal. O documento é atualmente referenciado por Planta de Palácio (visual gráfico) com a cota D. 148. A. (Fig. 1). Trata-se de uma planta de arquitetura, que reproduz em desenho bidimensional o piso nobre de um palácio urbano, localizado no Bairro Alto, datado entre os séculos XVII e XVIII. Designado igualmente por plano nobre, esta planta revela a erudição dos seus interlocutores, expressada nos dados que o documento/desenho transporta. Este diálogo entre a teoria e a prática na arquitetura, reflete as inquietudes da investigação de doutoramento em curso, “Proporção e Sistemas Métricos na Tradição Construtiva Portuguesa: Palácios de Lisboa (1640-1755)¹”, em desenvolvimento sob a orientação da Professora Doutora Paula André, coautora do presente ensaio, e a coorientação do Professor Doutor Helder Carita. O objectivo principal da tese de doutoramento é a criação de conhecimento sobre os princípios geométricos essenciais de regularidade, ordem e proporção em edifícios nobres.

O estudo da tratadística e a sua presença nas bibliotecas de arquitetos portugueses entre os séculos XVII e XVIII, a documentação referente ao ofício de mestres construtores e a obra construída, são três fontes valiosas ao estudo da cultura arquitectónica portuguesa, em que o desenho de arquitetura é um elo comum. Neste sentido, a imagem selecionada para o presente ensaio é um desenho de arquitetura com o risco de uma planta de um edifício nobre, que é um testemunho representativo de uma prática projetual.

Pretende-se com este estudo visitar o estado da arte do documento e procurar no desenho, dados relativos à prática projetual, nomeadamente na análise dos conteúdos presentes no “texto” da legenda e nas informações do desenho,

¹ Financiada pela FCT com a referência SFRH/BD/112071/2015, desde Dezembro de 2015.

relativos à criação e construção da espacialidade representada, no conjunto edificado que o desenho sugere, e no possível local da sua implantação na malha urbana.

Partimos da análise de dois autores que apresentam diferentes leituras. A inventariação do documento (1977) por Aires de Carvalho, inserida num vasto trabalho sobre a *Colecção de Desenhos da Biblioteca Nacional* e na leitura que Helder Carita faz desta planta, numa refletida análise da *Casa Senhorial em Portugal* (2015). Avançamos com o desenho desta planta em formato digital, como forma de verificar a fidelidade da escala no documento, e consequentemente das medidas atribuídas à construção, dados que consideramos importantes ao esclarecimento sobre a comunicação entre o projeto e a realidade construída. Outra potencialidade do desenho digital é verificar a inserção deste edifício na malha urbana do Bairro Alto, através do cruzamento em escala de documentos digitalizados. Neste exercício demonstramos esta compatibilidade com uma fotografia aérea de 1947, pertencente à Direção Geral do Território.

Aires de Carvalho refere-se a este documento por “*Planta de um edifício de forma rectangular, situado à volta de uma praça*”, e apresenta a hipótese de se tratar da planta do Palácio do Cunhal das Bolas (Carvalho, 1977, p. 104). Esta suposição resulta de uma reflexão que reúne três fontes de informação: (1) A marca de água do papel, que segundo Briquet «*é filigrana francesa de finais do século XVII, continuando-se pelo século XVIII*»; (2) As indicações na legenda (Q), com a correspondência da fachada principal que “*desemboca na rua do Carvalho*” (atual rua Luz Soriano), e no desenho da organização espacial descrita em legenda - “*dadas as muitas <<Cameras grandes>>, <<Duas salas de audiência>>*”; (3) A notícia de Júlio de Castilho, que segundo Raphael Bluteau, o 4º Conde da Ericeira², D. Francisco Xavier de Meneses residia de “aluguer” no Palácio do Cunhal das Bolas em 1696.

Helder Carita³, classifica o documento por “Planta

² “*A Casa do 4º Conde da Ericeira foi realmente, na aurora do <<século das luzes>> o primeiro posto de recepção e irradiação da cultura europeia*”; sobre esta personalidade da alta nobreza portuguesa, veja-se: Cidade, Hernâni, 1965, in: Dicionário de História de Portugal, Dir. Joel Serrão, volume II, p. 70.

³ A quem muito agradecemos a troca de impressões

de *projecto de um palácio a construir na “Rua do Carvalho”* e presume que esta possa corresponder ao piso nobre do Palácio dos Condes de Soure (Carita, 2015, p. 219). Este conjunto edificado, de que restam hoje alguns detalhes da sua nobreza de outrora, situava-se na zona superior do Bairro Alto, no local designado por “Alto do Longo”. Um palácio “*de grandes proporções...terá sido ampliado e melhorado, tendo sido residência, nos finais do séc. XVII, da Rainha de Inglaterra D. Catarina de Bragança*” (Carita, 1994, p.66). Atribui o documento a um arquiteto português, e salienta uma clara influência francesa do modelo de planta em U, particularmente com a “*introdução de uma sala interior muito comprida em forma de galeria, de clara tradição francesa, ou no quarto de aparato que segue igualmente a típica tipologia francesa, com alcova central para a cama - elementos sem expressão na arquitetura doméstica portuguesa*” (Carita, 2015, p. 171).

2. MORFOLOGIA DA PLANTA

Inserido numa estrutura reticular ortogonal, o risco deste piso revela o plano nobre de um palácio de grandes proporções de morfologia em U. Corresponde à materialização de um modelo pautado por “*rigidez, ordem e austeridade*” (Carita, 2015, p. 167). Sobre a plasticidade do volume arquitectónico da planta em análise, com diferenças substanciais na organização da distribuição do programa interior, este desenho enquadra-se na formulação de palácios urbanos “*à francesa*”. Esta formulação tem a sua génese no projeto do Arquitecto Philbert Delorme para o Castelo de Saint-Maur, iniciado em 1541. Uma residência em forma de palácio realizada para Jean Du Bellay, é geradora de uma “*linha de organização de palácios franceses*” e terá inspiração no Palácio de Té de Giulio Romano (Tavares, 2004, p. 47). Porém, a evolução da morfologia em U e as características da tipologia interior, surgem no Grand Ferrare (Fig. 2), um projecto de Sebastiano Serlio para o Cardeal Hippolyte d’Este, construído em Fontainebleau (1544-1546). Para além da morfologia, onde o cânone situa a zona residencial no volume central, a inserção de uma galeria num dos corpos laterais é - a regra (Montclos, 2013, p. 40).

Em França, este modelo é canonizado em 1624, pelo médico e higienista francês Louis Savot, com a publicação da obra “*L’Architecture françoise des bastimens particuliers*”⁴. A obra “*Vollständige Anweisung zu der Civil BauKunst*”⁵ (1696) editada por Leonhard Christoph Sturm, apresentando o modelo de um “*Hôtel à la francaise*” (Fig. 3) do Engenheiro Militar Nicolai Goldmann, consagra internacionalmente o modelo francês de palácios urbanos (Montclos 2013, 40). A introdução deste modelo em Portugal, deve-se naturalmente à evolução da cultura arquitectónica de cariz nacional, de que é exemplo a casa da Quinta das Torres em Vila Fresca Azeitão. Iniciada em 1560, demonstra uma clara influência “*Italiana*” e apresenta afinidades com a génese e evolução do “*modelo francês*” (Tavares, 2007, p. 121-123), nomeadamente com a inserção de uma galeria no programa interior. Mas é sem duvida a circulação da ilustração nos manuais e catálogos de arquitetura, que introduz novos modelos na Europa. A morfologia aplicada à planta em análise, é um resultado desta assimilação. Como exemplo, veja-se a gravura de Jean Marot (1686) de “*L’Hôtel de La Vrillière*” (Fig. 4) de François Mansart, presente no catálogo *Grand Marot* sobre “*L’Architecture françoise*” exemplo paradigmático da evolução do modelo “*à francesa*” (Lemerle, 2013, p.109-133).

A diferença entre a distribuição interior representada neste plano nobre e o modelo francês, deve-se naturalmente a uma adaptação do arquétipo aos propósitos do encomendador e da sua cultura arquitectónica. Neste sentido, a disposição da galeria ao centro do plano nobre, corresponde à afirmação de uma intervenção num cânone, e constitui assim um gesto de expressão plástica na espacialidade arquitectónica.

3. ANÁLISE DO DESENHO

A análise do documento revela-nos uma planta de arquitetura que ocupa quase a totalidade do papel (584 X 420 mm). O traçado regulador é realizado a lápis com recurso “*a régua e esquadro*”, e definido a tinta. Esta marcação define as paredes exteriores e interiores, clarificadas na representação da dimensão necessária à sua construção, uma vez

sobre esta planta e a sua possível localização.

⁴ A arquitetura Francesa e as residências particulares.

⁵ Definição completa de arquitetura civil.

que as espessuras reproduzidas na planificação de uma construção, transportam uma linguagem de regras construtivas, que neste caso nos indicam tratar-se de um piso elevado a vários metros de altura. O desenho é claro quanto à atribuição da função das divisões que identifica em legenda (C, D, F, G, H, I e L), e expressa fortemente a simetria do piso a que se refere, distribuído axialmente à volta de uma praça quadrangular. Existem três lareiras no corpo central que estão apagadas ou antes que o desenhador tentou apagar, revelando mais uma vez esta intenção bem clara da simetria no projecto. A perfeição desta simetria estende-se à distribuição das divisões, escadas principais e escadas secundárias e às indicações de lareiras a aplicar no edifício. Esta intenção escrita na legenda P - "*Chiminèz p.^a todas as Cazas, assim dos amos como de todos os Criados q servirem e morarem das portas adentro com suas familias q tiverem serventia pella parte da rua*", esclarece o conforto que o encomendador pretende para este edifício, em sintonia com os conselhos de Louis Savot⁶. O desenho sugere uma morfologia da volumetria exterior, semelhante à do Palácio Almada ao Rossio (Fig. 5) na representação a ponteados de uma entrada axial, que reforça em legenda (Q) "*Linhas a pontos q denotão os arcos do postigo que desemboca na rua do Carvalho e sustentam a sala que olha para a praça e a galeria*". Na referencia (O), "*Escada q dece ao quarto das moças e às cozinhas q fiquão de baixo do quarto das moças*", esclarece o volume espacial por baixo do piso nobre. Trata-se de um piso térreo (onde está situada a cozinha) e um piso intermédio também designado por primeiros mezaninos⁷. Dados que são coincidentes com a espessura das paredes exteriores.

⁶ Savot, faz um paralelismo entre uma residência confortável e o corpo humano, demonstrando que os cuidados a ter num edifício podem entender-se no funcionamento do nosso corpo, assim o conforto da temperatura desejável no interior de uma residência deverá ser para a totalidade dos espaços e em harmonia com a sua função (Savot, 1624).

⁷ Sobre a organização espacial de uma habitação nobre no século XVIII, veja-se: Carita, Helder, 2014, *As tipologias de casa nobre no tratado de Carvalho Negreiros*, in III Encontro Luso-Brasileiro de Museus-Casas: Espaço, Memória e Representação, Rio de Janeiro.

4. ANÁLISE DO MODELO DIGITAL

O modelo digital desenhado em sobreposição ao documento referenciado com a escala gráfica deste, demonstrou que o sistema de medidas usado no risco deste documento corresponde ao sistema craveiro português⁸. Assim, as unidades de medidas que delimitam a estrutura do edifício como, os cunhais, as espessuras das paredes exteriores e interiores, bem como o dimensionamento das divisões e dos vãos, são as que estão referenciadas no "*petitpé*": "*Vara, meia vara e palmos*". Através deste modelo digital foi possível verificar a inteira compatibilidade do modelo desenhado com as unidades de medida: vara (1,10m); meia vara (0,55m), palmo (0,22m), e ainda o 1/2 palmo (0,11m). A respeito do volume do conjunto, importa definir que se trata de um edifício inscrito num retângulo de 50 por 60m (aproximadamente 45 varas e 1/2 por 47 varas 1/5), o que confirma a dimensão atribuída ao edifício de "grandes proporções". As paredes mestras têm uma vara e meia (1,65m) de espessura e o reforço de 1/2 palmo (11cm) na cantaria dos cunhais (Fig. 6). Esta dimensão, informam-nos que este piso situa-se vários metros acima do piso térreo, em concordância com os dados analisados. O conjunto do desenho interior, revela igualmente uma exatidão na concordância entre o sistema craveiro e as espessuras das paredes, numa adequação à sua localização e função. No nosso entender, estas diferentes medidas comunicam ao construtor a técnica construtiva aplicada a cada uma das espessuras, e por conseguinte, uma forma de calcular, quantidades de materiais a aplicar, assim como o tempo necessário à sua construção e os respectivos custos. Presumimos assim que a simplicidade presente do desenho, revela uma normalização teórica com aplicações práticas. O modelo digital desenhado sobre esta planta, demonstrou ainda que as escadas principais e secundárias, correspondem a uma representação morfológica, em contraponto com a exatidão do desenho em toda a estrutura espacial. Assim subentende-se que esta parte do desenho, não constitui informação precisa quanto à sua excitabilidade, mas antes um esclarecimento quanto à morfologia das escadas.

⁸ Sobre o uso deste sistema de medidas em Portugal veja-se: Marques, A. H. de Oliveira, 1968, "*Pesos e Medidas*", in: Joel SERRÃO (dir.) - *Dicionário de História de Portugal*, Lisboa, Iniciativas editoriais, vol. III, p. 369-374.

5. LOCALIZAÇÃO

O cruzamento entre o desenho digital e as duas imagens da malha do Bairro Alto, com igual escala, demonstraram que a planta deste edifício nobre, não é compatível com o espaço físico do Palácio do Cunhal das Bolas (Fig. 7). No caso do Palácio dos Condes de Soure, verificamos que a dimensão do edifício é compatível com o espaço disponível no referido lote (Fig. 8) e no qual ainda hoje são visíveis os detalhes de uma caixa de escada, numa zona correspondente à da planta, quando cruzada digitalmente com o quarteirão. Para esta correspondência ser confirmada é necessário interpretar a notícia expressa na legenda (Q), em que o os “..os arcos do postigo...desemboca na rua do Carvalho...” e entender que o termo “desemboca” corresponde - um alinhamento com a rua do Carvalho. A interpretação que fazemos desta notícia, é que o termo desemboca⁹, corresponde nesta descrição, à intersecção imediata com a rua do Carvalho. Por outro lado, o documento apresenta uma outra notícia que nos parece importante. Na extremidade oposta à fachada principal, identifica em (N), uma “ *Caza pequena q olha p^a a rua* “, o que sugere a situação do edificio entre duas ruas, eventualmente um quarteirão, a julgar pelo desenho ritmado e simétrico conjunto dos alçados. A análise leva-nos a considerar como um possível sítio, o quarteirão onde se situa o Palácio dos Condes de Ficalho (Fig. 9). O cruzamento digital em escala, entre o palácio, o quarteirão e fachada para a atual rua Luz Soriano, demonstra que seria possível inserir este modelo, mas não na totalidade pois uma parte dos corpos laterais extravasam a medida deste (fig. 10).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS E REFLEXÕES A PROLONGAR

O documento analisado é detentor de um conjunto de informações expressas que transmitem a cultura arquitectónica dos seus intervenientes: encomendador, autor e mestres de obras. Por isso este documento, reúne um diálogo entre o desenho, a descrição em legenda e o que é omisso no silêncio

desta correlação em que o objectivo final sugere a construção de um edifício de grandes dimensões.

Sobre a leitura que apresentamos das indicações no documento, em desenho e texto, o edifício pertencente a esta planta teria uma aparência exterior, entre o Palácio Almada (Fig. 5) e a morfologia exterior do “*L’Hôtel de La Vrillière*” (Fig. 4). Esta adopção de uma morfologia francesa adaptada a uma morfologia nacional é reveladora dos conhecimentos e intenções tanto de quem encomenda como de quem sugere. Um facto é que esta opção é levada com grande vigor, visível na distribuição interior, de que é exemplo a colocação da galeria ao centro do conjunto. O documento apresenta algumas incongruências, de que são exemplo os dois apartamentos com alcova, ou as duas escadas. Este tipo de distribuição, só faria sentido numa residência Real, e julgamos que o edifício não tem proporção adequada nem o conjunto de divisões necessárias a essa formulação espacial. Salientamos porém que a aplicação de duas escadas principais revelam-nos a importância do edifício e a monumentalidade necessária à sua representatividade.

A sugestão de uma nova localização para este edifício apresenta duas lacunas, o facto de os corpos laterais excederem o limite da largura do quarteirão e a falta de uma travessa (paralela à travessa dos Fiéis de Deus) que desse espaço exterior aos vãos desse corpo. Ainda assim pareceu-nos útil, apresentar esta proposta, que ao ser desmentida, corresponde a um progresso da investigação deste documento.

Será esta planta uma intenção de ampliação de um palácio existente ou de construção de um novo edifício no quarteirão onde se situa hoje o Palácio dos Condes de Ficalho? Poderiam os Condes da Ericeira querer erguer um edifício cuja monumentalidade albergasse os interesses culturais de quatro gerações na presença das academias que tanto elevaram e por ultimo, será este desenho uma troca de impressões entre um construtor e o seu cliente? não sabemos!

Sabemos que este documento, pela forma rigorosa com que está desenhado, representa um conjunto de práticas construtivas, presentes na edificação de palácios em Lisboa. Consecutivamente, as informações expressas na organização do programa de distribuição deste modelo, transportam elementos úteis à análise da tradição construtiva na Cultura Arquitectónica Portuguesa entre os séculos XVII e XVIII.

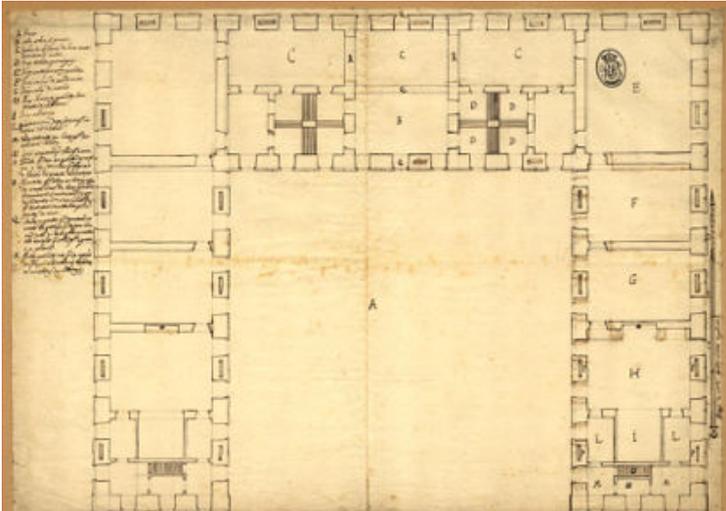
⁹ “(...) desemboca o rio no mar (...)” in: Bluteau, Raphael, 1713, *Vocabulario portuguez e latino*, Coimbra, Real Colégio das Artes da Companhia de Jesus, Vol. 3 p. 125-126.

BIBLIOGRAFIA

- ARNAU, Joaquín, 2000, *72 voces para un Diccionario de Arquitectura Teórica*, Madrid, Celeste ediciones
- ARNHEIM, Rudolf, 2001, *La forma visual de la arquitectura*, Barcelona, Gustavo Gili,
- BLUTEAU, Raphael, 1713, *Vocabulario portuguez e latino*, Coimbra, Real Colégio das Artes da Companhia de Jesus, Vol. 3
- CARITA, Helder, 1994, *Bairro Alto, Tipologias e Modos Arquitectónicos*, Lisboa, CML
- CARITA, Helder, 2014, *As tipologias de casa nobre no tratado de Carvalho Negreiros*, in: III Encontro Luso-Brasileiro de Museus-Casas: Espaço, Memória e Representação, Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa
- CARITA, Helder, 2015, *A Casa Senhorial Em Portugal, Modelos, Tipologias, Programas Interiores e Equipamento*, Lisboa, Leya
- CARVALHO, Aires de, *Catálogo da colecção de desenhos*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal
- CASTELO-BRANCO, Fernando, 1990, *Lisboa seiscentista*, Lisboa, Livros Horizonte
- CASTILHO, Julio, 1954, *Lisboa antiga*, Volume I, Lisboa, Oficinas gráficas da C.M.L.
- CIDADE, Hernâni, 1965, in: *Dicionário de História de Portugal*, Dir. Joel Serrão, volume II
- HEARN, Fil, 2006, *Ideas que han configurado edificios*, Barcelona, Gustavo Gili
- LEMERLE, Frédérique. 2013, *L'émergence de l'hôtel particulier à Paris: Entre ostentation et intimité* In: *Marquer la ville: Signes, traces, empreintes du pouvoir (xiii^e-xvi^e siècle)* [em linha]. Paris-Rome: Publications de la Sorbonne (gerado a 30 de Abril 2016). Disponível na Internet: <<http://books.openedition.org/psorbonne/3275>>. ISBN: 9782859449308.
- MARQUES, A. H. de Oliveira, 1968, "Pesos e Medidas", in: Joel SERRÃO (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, Lisboa, Iniciativas editoriais, vol. III, p. 369-374.
- MORALES, José Ricardo, 1999, *Arquitectónica. Sobre la idea y el sentido de la arquitectura*, Madrid, Biblioteca Nueva.
- MONTCLOS, Jean-Marie Pérouse de, 2013, *La Architecture A La Francaise*, Paris, edition Picard.
- SAVOT, Louis, 1624, *L'Architecture françoise des bastimens particuliers*.
- STURM, Leonhard Christoph, 1708, *Vollständige Anweisung zu der Civil-Bau-Kunst*.
- TAVARES, Domingos, 2002, *Miguel Ângelo, a aprendizagem da arquitetura*, Porto, Dafne Editora.
- TAVARES, Domingos, 2004, *Philibert Delorme, profissão de arquitecto*, Porto, Dafne Editora.
- TAVARES, Domingos, 2007, *António Rodrigues, renascimento em portugal*, Porto, Dafne Editora.

FIGURA 1

Plano nobre de um edifício que “desemboca na rua do carvalho”. Biblioteca Nacional de Portugal, Iconografia, cota: D. 148 A



Legenda:

A. Praça – B. Sala sobre a praça – C. Galeria q corre de hua antecamera à outra. – D. Duas escadas principaes. – E. Duas antecameras grandes. – F. Duas salas de audiência. – G. Duas salas de estrado. – H. Duas cameras grandes com Oratório e Alcova. – I. Duas alcovas. – L. Quatro cazas de passagem p^a ir detraz da alcova. – M. 4 retretes ou Cazas p^a dormirem Criadas. – N. Caza pequena q olha p^a a rua. – O. Escada q dece ao quarto das moças e às cozinhas q figuão de baixo do quarto das moças – P. Chiminez p.^a todas as Cazas, assim dos amos como de todos os Criados q servirem e morarem das portas adentro com suas familias q tiverem serventia pella parte da rua. – Q. Linhas a pontos q denotão os arcos do postigo que desemboca na rua do Carvalho e sustentam a sala que olha para a praça e a galeria. – R. Portas grandes em que se apeão os q quizer~e subir as Escadas, ou entradas das liteiras &. - Petitpé. varas, meias varas e palmos

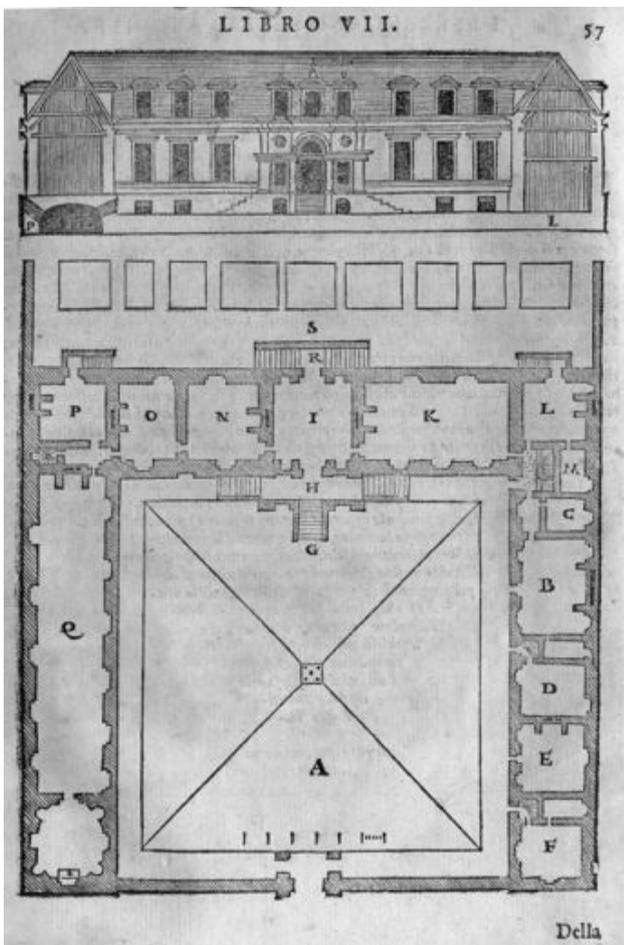


FIGURA 2

Ilustração do projeto de Sebastiano Sèrlio para o Grand Ferrare. in : LEMERLE, Frédérique. L'émergence de l'hôtel particulier à Paris : Entre ostentation et intimité; Illustration. 1; (Settimo libro, Francfort, 1575 ; repris dans Tutte l'opere d'architettura di Sebastiano Serbio bolognese, Venise, presso Francesco de' Franceschi senese, 1584, p. 57). Tours, C ESR, SR 18A. Cliché CESR, in: <http://books.openedition.org/psorbonne/docannexe/image/3275/img-1-small700>

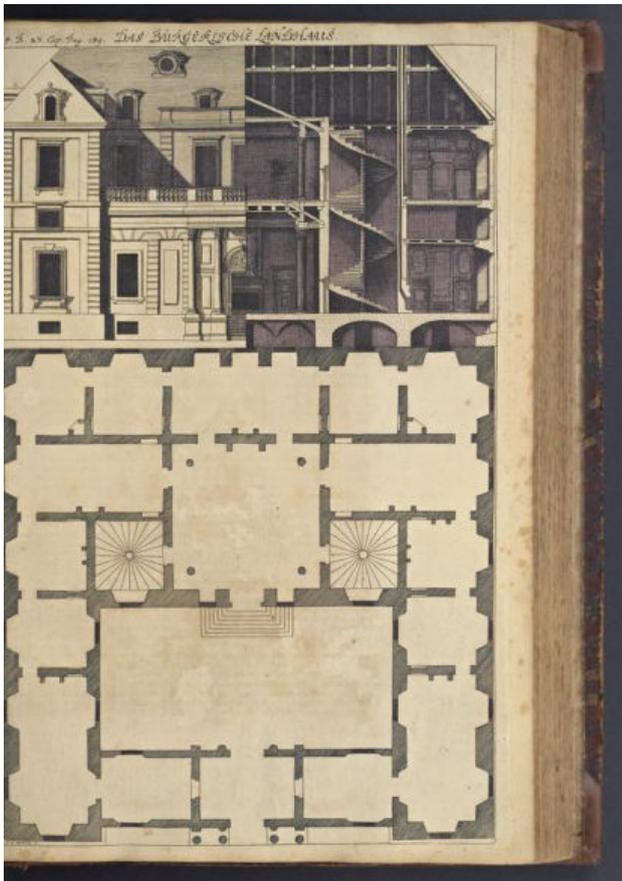


FIGURA 3
Modelo de palácio urbano “à francesa”, Goldmann, Nikolaus (1611-1665), *Vollständige Anweisung zu der Civil-Bau-Kunst*; ed. Sturm, Leonhard Christoph (1669-1719); p. 324, Alemanha, 1708. In: https://archive.org/details/gri_33125010570915

FIGURA 4
Fig.4 Gravura de l'Hôtel de La Vrillière in : LEMERLE, Frédérique. L'émergence de l'hôtel particulier à Paris : Entre ostentation et intimité; Illustration 4; (F. Mansart, vue de l'hôtel de La Vrillière gravée par Jean Marot). Recueil dit le « Grand Marot », Tours, collection particulière, in: <http://books.openedition.org/psorbonne/docannexe/image/3275/img-4.jpg>

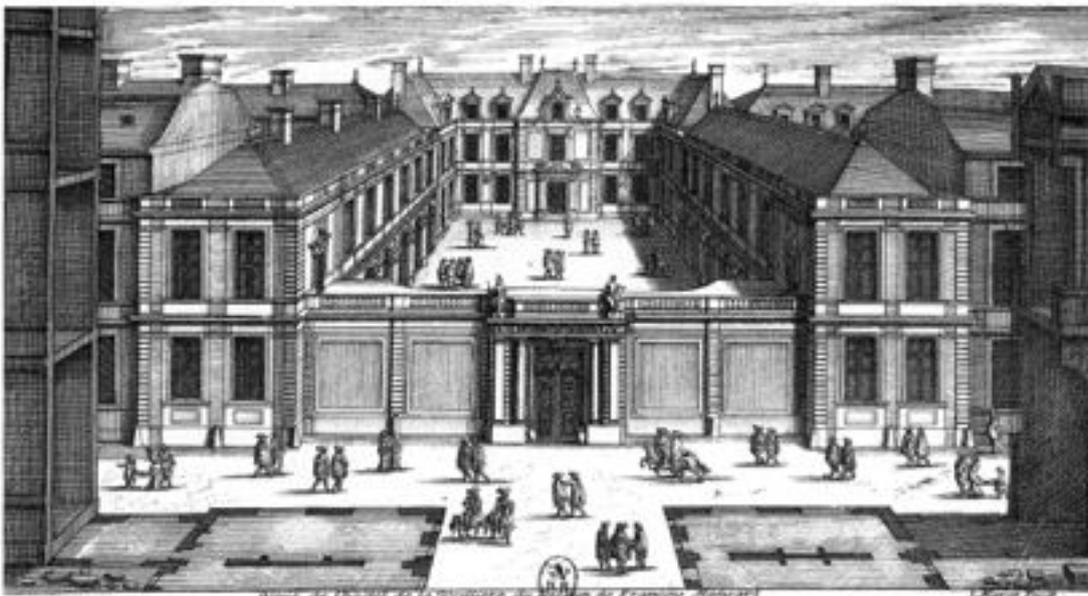


FIGURA 5

Palácio Almada, inícios do século XX. (Fonte: <http://lisboahojeontem.blogspot.pt/2012/11/palacio-da-independencia.html>).



FIGURA 6

Imagem do modelo digital em cruzamento com uma malha reticular ortogonal de 1/2 palmo (0,11m).

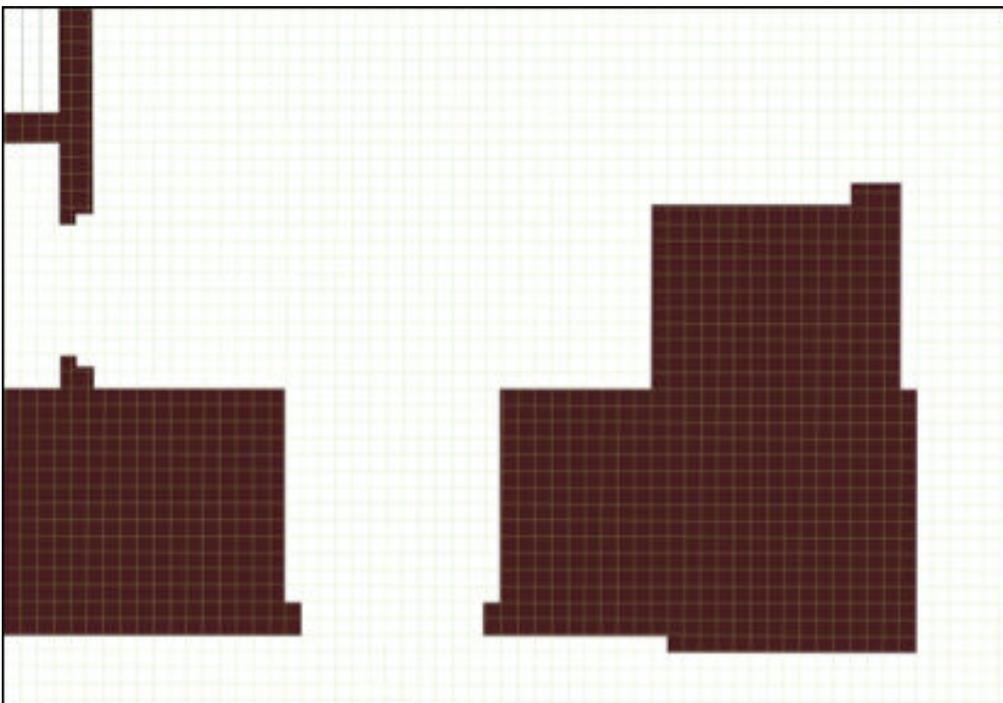


FIGURA 7

Imagem com o cruzamento digital entre a fotografia aérea do Bairro Alto em 1947 (Fonte: Direção Geral do Território) e a planta em análise, no espaço físico do Palácio do Cunhal das Bolas demarcado na mancha de traços oblíquos.



FIGURA 8

Imagem com o cruzamento entre a fotografia aérea do Bairro Alto em 1947 (Fonte: Direção Geral do Território) e a planta em análise com o lote onde se situava o Palácio dos Condes de Soure.

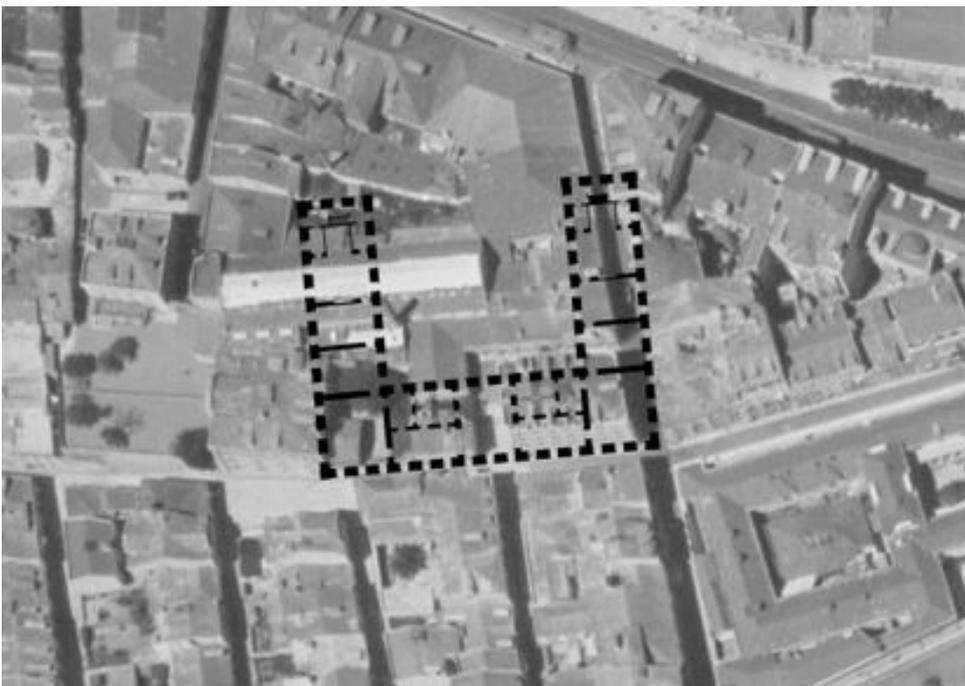




FIGURA 9
Palácio dos Condes de Ficalho ao Bairro Alto. Fachada para a rua Luz Soriano, antiga rua do Carvalho.

FIGURA 10

Imagem com o cruzamento digital entre a fotografia aérea do Bairro Alto em 1947 (Fonte: Direção Geral do Território) e a planta em análise, no espaço físico do lote (do Palácio dos Condes de Ficalho) demarcado na mancha de traços oblíquos.

